



ARTE – FOTOGRAFIA

Sebastião Salgado

Fólios

Maiara Muritibs

Mini-curriculo

Nascido em 8 de fevereiro de 1944, Sebastião Ribeiro Salgado é um dos mais respeitados fotojornalistas da atualidade. Mineiro, de Aimorés, Salgado graduou-se em economia concluindo mestrado e doutorado na mesma área (fez mestrado de Economia no Brasil, na USP, em 1967, e doutorado, na França, na Escola Nacional de Estatísticas Econômicas, em 1971).

Foi em um de seus trabalhos como economista, na Organização Internacional do Café, na década de 1970, que Sebastião descobriu a fotografia como forma de retratar a realidade econômica de diversos locais do mundo. Ao fotografar os cafezais africanos, para ele a fotografia apresentou-se melhor do que textos e estudos estatísticos para retratar a situação econômica dos lugares pelos quais passava.

Ao retornar a Paris, começou a trabalhar como free-lancer em fotojornalismo. Trabalhou para grandes agências como Sygma, Gamma e Magnum. Contribuiu com diversas organizações humanitárias como UNICEF, OMS, a ONG Médicos sem Fronteiras e a Anistia Internacional.

Publicou diversos livros com reuniões de fotos: Trabalhadores (1996), Terra (1997), Serra Pelada(1999), Outras Américas (1999), Retrato de Crianças do Êxodo (2000), Êxodos(2000), O Fim do Pólio(2003), Um incerto Estado de Graça(2004), O Berço da Desigualdade(2005)

Objeto de Trabalho

Sebastião Salgado procura fazer as pessoas refletirem sobre a situação econômica do local retratado, seja por meio do choque, ou seja por meio da imagem nua e crua da pobreza, da dor, e da fome. Uma vez questionado em uma de suas exposições, disse: "Espero que a pessoa que entre nas minhas exposições não seja a mesma ao sair".

Como economista, o que despertou o interesse dele para a fotografia, foi o fato dela expressar, com maior impacto e intensidade, a situação de miséria em que vivem as pessoas de países africanos da região do Sahel, como também a violência da Guerra Civil da Angola.

Através de suas lentes, Salgado explora temas clássicos da Economia como desigualdade social e globalização. Sua intenção é gerar debate ao redor dessas questões expondo-as da forma mais clara possível em suas imagens.

Metodologia

O trabalho de Sebastião Salgado é fortemente influenciado pela técnica do "momento decisivo", empregada pelo fotógrafo francês Henri Cartier Bresson. Esta técnica consiste em fotos diretas, disparadas no momento crucial a ser retratado pelo artista. Desta forma, o fotógrafo procura transmitir em um "shot" todo o drama e impacto da situação observada.

Além do mais, observa-se que todo o trabalho de Salgado é realizado em preto e branco. A ausência de cor significa ausência de informação, isto é, o foco está na clareza da situação retratada. O autor da foto deseja que aquele que a observa concentre-se na situação em si, e não em um ou mais elementos da mesma, o que interessa é o contexto, o impacto do momento retratado.

Além disso, nas fotos de Sebastião Salgado, a ausência de cor enfatiza o drama da situação retratada, a dor e o desespero. É como se o mundo perdesse a cor, a vida, a alegria, já que Salgado

utiliza sua fotografia como ferramenta de denúncia da pobreza, violência, guerra e fome em regiões miseráveis do mundo.

Relação entre Arte e Ciência

Mesmo que o objetivo de Sebastião Salgado seja provocar a reflexão sobre as questões políticas, sociais e econômicas que retrata, o modo como ele realiza este trabalho e o impacto que ele causa nas pessoas, levam-no ao status de artista contemporâneo. Segundo o jornalista Janio de Freitas, a obra de Sebastião é mais do que uma exposição racional dos problemas econômico-sociais do mundo: “Sebastião Salgado é um portador do mistério da arte. O que quer dizer que sua fotografia não se descreve: sente-se. Diante de sua fotografia não se pode sentir, como é usual que as fotografias provoquem, a ternura, ou a contristação, ou a culpa, ou o deleite estético. Diante da fotografia característica de Sebastião Salgado vêm-nos, em uma rajada única, a ternura e a dor, a culpa e o prazer estético. Inseparáveis e indistinguíveis, consistentes e indisfarçáveis, em uma só rajada, todos os ricos sentimentos que a pobreza emocional dos dias de hoje não foi ainda capaz de consumir e devorar.” (1)

As fotos de Sebastião, apesar de realizadas de maneira objetiva, nos levam a um mundo subjetivo, no qual percebemos a interface entre o que sentimos ao ver a foto e o que Sebastião sentiu ao fazê-la. O próprio Sebastião fala de sua obra como algo visceral, como a captação de uma cena de forma a reproduzir para outras pessoas o sentimento que teve ao observá-la. Também é através da captação da imagem no momento em que sente que expressa sua ideologia. Desta maneira, é possível classificar sua obra como estudo científico e como expressão artística pura: estudo científico por retratar situações conhecidas ou não mas que afetam o mundo inteiro; expressão artística pura porque é a expressão do sentimento de Salgado no momento de fotografar que o leva a produzir imagens que chocam, enternecem e ao mesmo tempo não fogem ao prazer estético citado por Janio de Freitas.

No entanto, há diversos críticos da obra de Sebastião Salgado que afirmam que sua obra é uma montagem para se promover. Alguns ainda afirmam que Sebastião fugiu de seu propósito científico, pois suas fotos não discutem questões sociais de maneira aprofundada. Também há aqueles que consideram que seu trabalho perdeu o propósito fotográfico em detrimento da denúncia social.

Do lado da fotografia, o fotógrafo Enio Leite comenta: “Às vezes, Sebastião Salgado cria a impressão de que sua justificativa pretende desqualificar sua fotografia, a pretexto de completá-la. Ele quer ter o controle do conotativo, coisa impossível para qualquer artista ou mesmo para qualquer cientista

Além disso, um dos vieses da crítica à fotos de Salgado é a questão do chocante transformando-se em lugar comum, de forma a perder seu propósito de levar à reflexão por meio da perplexidade e tornar-se algo não percebido, como um mendigo que, de tanto ser visto na rua todos os dias, mal é percebido com o tempo.

Sobre isso, Simonetta Persichetti, renomada crítica da fotografia brasileira, afirmou sobre a última exposição de obras de Sebastião Salgado: “o discurso dominante é esse: eles estão tomando o rumo de um novo documental. Já que o fotojornalismo está em crise, a gente cansou um pouco de fotografar criança com ranho no nariz, de mendigo embaixo da ponte”. (2)

Conclusões

A fotografia é um instrumento de retratação que mais se aproxima do que denominamos realidade pois o objeto retratado se aproxima muito do que vemos fisicamente. No entanto, a arte fotográfica tem como objetivo mostrar o que não é possível ver diretamente: ações, reações, sentimentos, pensamentos.

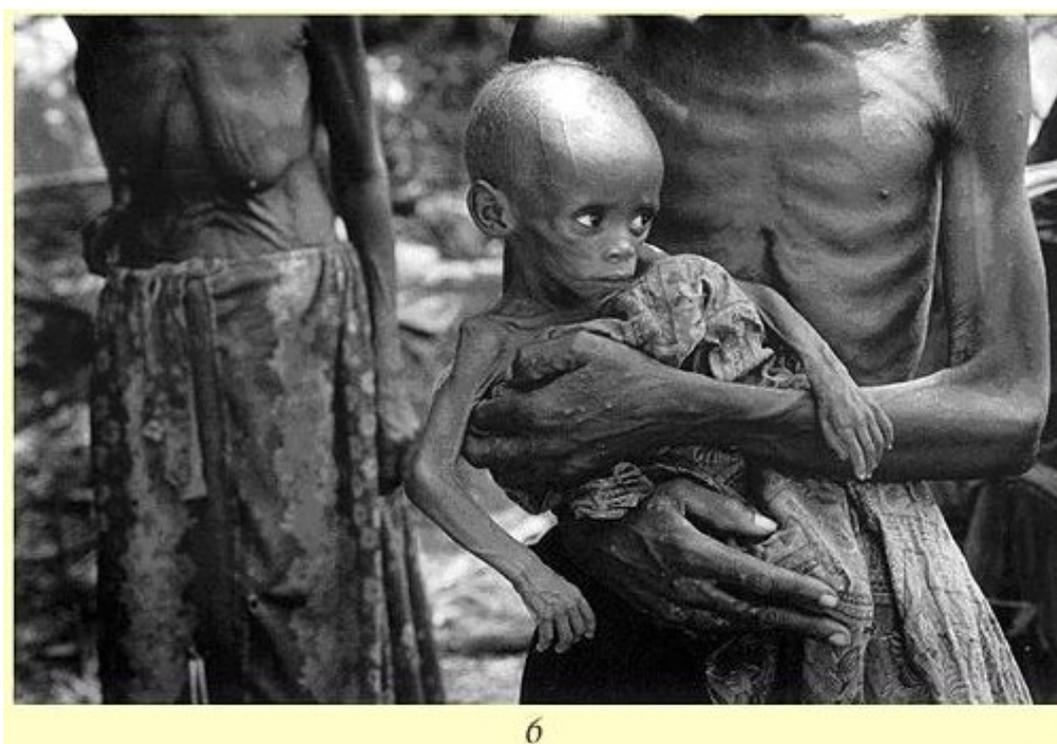
Muito mais rico do que a foto em si, é toda a linguagem por traz da mesma carregada de significações que como em toda obra de arte podem adquirir interpretações diferentes de acordo com as experiências vividas, seja por quem fotografa, seja por quem observa o resultado do “click”.

O trabalho de Salgado tem o mérito de levar a discussão sobre o que vendo ou não, muitos não querem enxergar. Isto é, a obra de Salgado traz a dor daqueles que sofrem com a guerra, o

descaso daqueles que a provocam, o efeito devastador da fome, do trabalho indigno, da falta de oportunidade para sobreviver. Isto significa que, profunda ou não, o valor de suas obras, cientificamente falando, está no fato de encontrar uma nova forma para discutir questões de forma a conscientizar pela emoção, aqueles que não são tocados por números, gráficos e palestras. Mesmo que o assunto perca seu ar de novidade, a iniciativa de colocá-lo em pauta é válida.

Do ponto de vista artístico é impossível não ter reação nenhuma diante de uma foto de Sebastião Salgado. Sebastião consegue captar com sua lente a indignação que qualquer olho humano com o mínimo de sensibilidade emocional captaria no exato momento em que fotografa, e é este detalhe que faz seu trabalho provocar o efeito artístico de forma que, da própria expressão emocional, o artista provoque a emoção no outro.

Pode ser que a obra de Salgado, pelo excesso de choque, leve à anulação de seus efeitos com o tempo ou com a observação contínua. Mas, é inegável o efeito da primeira impressão de um rosto faminto e sôfrego de uma criança em estado deplorável de desnutrição.



6

Refugiados do povoado de Lula chegando ao povoado de Kisesa – Zaire – 1977



Korem Camp, Etiópia, 1984



Briga entre trabalhador e policial militar na mina de Serra Pelada – 1986



Plantação de chá – Ruanda - 1991

Notas

1. Freitas, Janio de. A condição de Salgado. In: SALGADO, Sebastião. As Melhores fotos. Apresentação Jânio de Freitas;
2. Declaração de Simonetta Persichetti, em julho de 2008, sobre a obra de Sebastião Salgado “Trabalhadores”, exposta em 2008.

Referências Bibliográficas

- Netsaber – Biografias - http://www.netsaber.com.br/biografias/ver_biografia_c_985.html
- Photography Now - http://photography-now.net/international_photography_index/
- Brasil Rotário – http://www2.brasil-rotario.com.br/revista/materias/rev967/e967_p18.htm
- BRFoto – <http://forum.brfoto.com.br/lofiversion/index.php?t29039.html>
- Blog Fausto Roim – <http://faustoroim.blogspot.com/2008/06/critica-de-fotografia-o-ltimo-livro-do.html>
- Fotografia no Brasil – <http://www.girafamania.com.br/montagem/fotografo-sebastiao-salgado.html>
- Enciclopédia Itaú cultural – http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/Enc_Artistas/artistas_imp.cfm?cd_verbete=1694&imp=N&cd_idioma=28555
- UOL Educação – <http://educacao.uol.com.br/biografias/ult1789u410.jhtm>
- WECA – Wiki dos alunos do luli na ECA - <http://wiki.eca.luli.com.br/index.php/Sebasti>

%C3%A3o_Salgado

-Portal Estudos Avançados do Instituto de Estudos Avançados da USP - http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141997000200002&script=sci_arttext

-GOMES, Solange – Artigo “A fotografia de Sebastião Salgado: signo da verdade, discurso visual ou representação artística?” – 2008 – Revista Eletrônica – Cursos de Letras da UTP.

-SALGADO, Sebastião – Êxodos – 2000.

-FREITAS, Janio de. A condição de Salgado. In: SALGADO, Sebastião. As Melhores fotos. Apresentação Janio de Freitas;

http://www.eca.usp.br/nucleos/cms/index.php?option=com_content&view=article&id=67:sebas

MAN RAY

Man Ray nasceu em Filadélfia (USA) e morreu em Paris (França). Seu nome MAN RAY foi o pseudônimo de EMMANUEL RUDNITZKY, formado por duas pequenas sílabas, que significam homem (man) e raio (ray) de luz ou de sol.

Man Ray foi fotógrafo e pintor, pioneiro dentro dos movimentos artísticos Dadá e Surrealista nos anos 20 e 30, dos quais sua obra tem profundas ligações, tendo participado nas mais importantes exposições destes movimentos artísticos da 1ª metade do século XX.

Após fundar o movimento Dadaísta da cidade de Nova York, com seus amigos Marcel Duchamp e Francis Picabia (os conheceu em 1914, em Nova York), mudou-se para Paris, onde se tornou retratista, em fotografia, da vanguarda intelectual do momento.

Antes de se estabelecer em Paris, onde desembarcou em 14/07/1921, Man Ray já era uma figura de primeiro plano do Dadaísmo, em Nova Iorque. Sua obra é muito variada tematicamente, oscilando entre retratos, nus e fotografia de moda.

Chega em Paris pouco depois de Duchamp, que o apresenta a Breton, Aragon, Éluard, e outros. Em dezembro do mesmo ano, realiza uma exposição de pintura na Livraria Six.

Como não vende nenhuma obra, passa a se dedicar à fotografia. A partir de 1925, participa das exposições surrealistas e colabora com a revista *La Révolution Surréaliste*.

A partir do ano seguinte, realiza também vários filmes. No entanto, nunca aderiu formalmente aos princípios do surrealismo. Em 1961, sua fotografia ganha a Medalha de Ouro na Bienal de Veneza.

Foi um dos fotógrafos mais importantes do século XX, mas também pintor e realizador cinematográfico. Começou a sua carreira artística como pintor e a partir de 1914-15 depois de ter comprado uma primeira câmera para fotografar os seus quadros, desenvolveu uma obra fotográfica que conjugou de uma forma criativa uma grande capacidade plástica com um enorme rigor técnico.

Nas suas fotografias podem-se destacar várias linhas de força, como o jogo de luz-sombra, visível em quase toda a sua obra. Ray cultivou conscientemente a nossa confusão óptica/mental das formas e dos objetos e das suas respectivas sombras.

Também nas suas séries de fotogramas, que ele apelidou de “Rayographs” ou “Rayograms”, pois foi dos primeiros artistas a trabalhar com fotogramas, são visíveis imagens que preservam a ambiguidade dos objetos expostos à luz e que incluíam a sua sombra.

Sua fascinação pelo acaso, pelas máquinas e por conceitos inovadores, levaram Man Ray a descobrir a “Raiografia”, posteriormente chamada de fotograma, e a solarização. A “raiografia” era realizada colocando o objeto diretamente sobre o papel fotográfico que era então exposto à luz.

A execução dos fotogramas é “automática”, pois não requerem câmara fotográfica para a sua realização, apenas uma qualquer fonte de luz sobre formas e objetos, a sua realização é instantânea e cada fotograma é único, pois é impresso diretamente em papel fotográfico, não possuindo por isso película negativa.

Destaque também para os inúmeros retratos realizados ao longo de décadas, de personalidades do meio artístico, artistas plásticos, escritores, músicos e compositores, actores etc.

Fotografou também com especial interesse, quer a natureza quer o meio urbano, com

destaque para a sua cidade adotiva, Paris, e o mundo da moda.

Além de ter sido um artista com notáveis capacidades de observação e composição, desenvolveu um grande trabalho de laboratório, aprofundando e desenvolvendo técnicas fotográficas como a solarização/efeito Sabatier, os fotogramas, a exposição múltipla e diversas técnicas originais de sensibilização e impressão fotográficas.

Ele representou a figura do artista multifacetado e vanguardista que procurou ultrapassar as fronteiras disciplinares, e as tendências puristas da época, tentando ligar as várias formas artísticas com a mesma dignidade.

Seu trabalho causava sensação pelo modo como usava a luz natural, contrastes definidos e poses informais. Man Ray era extremamente vanguardista num momento em que o estilo pictórico ainda predominava dentro da fotografia europeia.

O sucesso comercial como retratista, permitiu que Man Ray experimentasse suas ideias junto aos movimentos Dada e Surrealista.

Além de fotografias, Man Ray realizou diversos filmes nos anos 20 como “Anemic Cinema” e “L'Étoile de Mer”.

O pintor e fotógrafo, dadaísta e surrealista, criou um importante conjunto de obras. Um dos pioneiros de desenvolvimento pessoal em tendências, foi também um dos primeiros pintores abstratos, assim como é considerado um dos pioneiros da fotografia contemporânea.

Em entrevista a Paul Hill e Thomas Cooper em abril de 1974, conta-nos porque se dedicou à fotografia:

“Fui pintor durante muitos anos antes de me tornar fotógrafo. Um dia comprei uma câmera só porque não gostava das reproduções que os fotógrafos profissionais faziam de minhas obras.

Nessa época apareceram as primeiras placas pancromáticas e possibilitaram se fotografar em branco e preto, conservando os valores das cores. Estudei com muita aplicação e depois de alguns meses, me tornei um expert. Meu interesse maior era com as pessoas, especialmente com os rostos.

Em lugar de pintar pessoas, comecei a fotografar, e desisti de pintar retratos. Ou melhor, se pintava um retrato, não me interessava em ficar parecido. Finalmente conclui que não havia comparação entre as duas coisas, fotografia e pintura. Pinto o que não pode ser fotografado, algo surgido da imaginação, ou um sonho, ou um impulso do subconsciente. Fotografo as coisas que não quero pintar, coisas que já existem.”

“A natureza não cria obras de arte. Somos nós, com a peculiar capacidade de interpretação do cérebro humano, que vemos arte.”

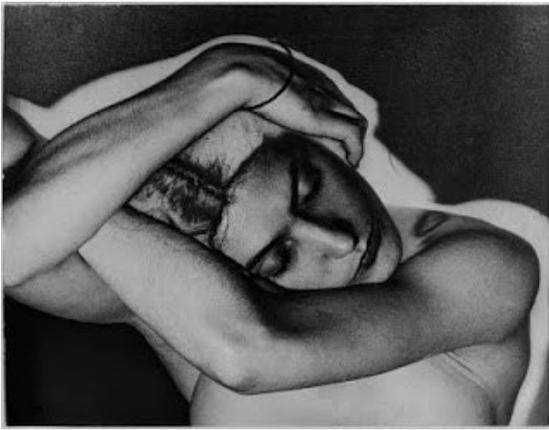
Fez “Retrato solarizado”, em 1931. Em 1993, a foto “GLASS TEARS” (abaixo), de MAN RAY, torna-se a fotografia mais cara do mundo, ultrapassando o valor de 65 mil dólares. Um olho feminino, com esferas de vidro na face, significando lágrimas...



Glass tears – 1932



Dora Marr - 1936



Exemplo de solarização



Exemplo de radiografia

Fontes:

• Livro Man Ray – Filipacchi, Paris, 1973

www.masters-of-photography.com/M/man_ray.html

http://artcyclopedia.com/artists/man_ray.html

<http://www.girafamania.com.br/montagem/fotografo-man-ray.htm#topo>

A fotografia revolucionária de Tina Modotti

Tina Modotti nasceu em Udine/Itália em 1896. Aos 16 anos mudou-se para Califórnia para morar com seu pai e foi onde começou sua carreira como atriz e modelo fotográfico, sendo neste segundo ofício, que acabou por conhecer o fotógrafo Edward Weston, seu tutor na fotografia e posteriormente marido.

A grande “virada” na vida de Tina acontece quando se muda ao México em 1923, e conhece pessoas ligadas ao movimento comunista como Frida Kahlo, Diego Rivera e David Alfaro Siqueiros. Naquele momento, o movimento artístico e político faziam parte do mesmo contexto e desde então, é possível ver como os ideais esquerdistas influenciaram no trabalho de Tina ao longo de sua carreira.

Em 1927, a fotógrafa se filia ao Partido Comunista e em 1929, organiza uma exposição que ficou conhecida como “A primeira exposição fotográfica revolucionária do México”. Em 1930 é deportada para Alemanha acusada de conspirar contra o presidente mexicano e em seguida, se estabelece em Moscou.

Motivada por interesses políticos uma vez mais, se muda para a Espanha onde fica até 1939, mesmo ano em que regressa ao México oculta sob um pseudônimo. Morre em 1942 vítima de uma parada cardíaca.

Sua obra

O fotógrafo mexicano Manuel Alvarez Bravo dividiu a carreira de Modotti em duas distintas categorias: "Romântica" e "Revolucionária", sendo que o primeiro período incluía o tempo despendido como assistente de quarto escuro, gerente, e finalmente, como parceira criativa.

Seu vocabulário visual amadureceu durante este período, com seus experimentos com arquitetura de interiores, flores e paisagens urbanas, e especialmente com suas muitas imagens líricas de camponeses e trabalhadores.

Na parte revolucionária foi quando Modotti alcançou seu maior reconhecimento como fotógrafa. Foi neste período que suas fotografias começaram a ser publicadas nos veículos “Mexican Folkways”, “Forma”, “El Machete”, “Arbeiter-Illustrierte-Zeitung (AIZ)” e “New Masses”.



Mãe índia amamentando o seu bebê – 1925



Woman with olla - 1926

Vik Muniz

“A grande crise de relevância que a arte contemporânea atravessa hoje não é por falta de público, cultura ou interesse; é pelo preconceito conservador e paranóico de pessoas que vêem a cultura como um privilégio, e não como um direito”.

Vicente José de Oliveira Muniz mais conhecido como Vik Muniz, é um artista plástico brasileiro radicado em Nova York, que faz experimentos com novas mídias e materiais.

A contemporaneidade das obras de Vik Muniz está na utilização de materiais inusitados, como: geleia, chocolate, pasta de amendoim, xarope, vinho, açúcar, materiais recicláveis, fios de cabelo, arame, diamante, gel, pigmentos, comidas, etc e tal. A técnica criada por Vik Muniz consiste na utilização desses variados e inusitados materiais e objetos na formação de imagens que depois são fotografadas e ampliadas.

Normalmente seus trabalhos são releituras de grandes mestres da pintura: Leonardo da Vinci, Claude Monet, Albert Dürer, Gerhard Richter, Andy Warhol, entre outros.

Investigando temas relacionados à memória, à percepção, à representação de imagens do mundo das artes e meios de comunicação, o artista plástico Vik Muniz usa elementos peculiares em seus trabalhos, revelando que grandes coisas podem surgir de simples elementos usados no cotidiano.

Com obras nos principais museus de arte contemporânea do mundo, como o Metropolitan, o Whitney, o MoMA, de Nova York e o Reina Sofía, de Madrid, Vik Muniz, artista plástico brasileiro conhecido no mundo inteiro, consegue utilizar a fotografia como meio de representação de um diálogo com a História da Arte, que chega ao entendimento de todos pela simplicidade dos materiais que utiliza, quebrando a idéia de que arte é algo que só quem lida com ela entende.

Biografia

Vicente José de Oliveira Muniz mais conhecido como Vik Muniz nasceu em São Paulo/SP em 1961, radicado em Nova York, é artista plástico brasileiro conhecido, por usar lixo e componentes como açúcar e chocolate em suas obras. Chegou a cursar Publicidade e Propaganda na Fundação Armando Álvares Penteado – Faap em São Paulo. Em 1983, passou a viver em Nova York, onde reside e trabalha.

A partir de 1988, começou a desenvolver trabalhos que faziam uso da percepção e representação de imagens a partir de materiais como o açúcar, chocolate, catchup e outros como o gel para cabelo e lixo. Naquele mesmo ano, Vik Muniz criou desenhos de fotos que memorizou através da revista americana Life.

Muniz fotografou os desenhos e a partir de então, pintou-as para conferir um ar de realidade original. A série de desenhos foram chamados The Best of Life.

“A série The Best of Life são desenhos de fotografias muito famosas feitas completamente da memória. Quando os desenhos eram bons o suficiente para se parecer como uma má reprodução da imagem original, eu os fotografei e imprimir com a mesma amostra de tons que nós normalmente vemos nessas imagens. Nesses trabalhos eu tentei encontrar como a fotografia se parece em nossa cabeça quando não estamos olhando para ela. Elas trazem as estruturas das famosas fotos, mas, na verdade, são muito diferentes” explica o artista.

Suas obras podem ser encontradas em importantes acervos, como da Tate Modern e do Victoria & Albert Museum, ambos em Londres.

Vik Muniz fez trabalhos inusitados, como a cópia da Mona Lisa, de Leonardo da Vinci, usando manteiga de amendoim e geléia como matéria prima. Com calda de chocolate, pintou o retrato do pai da psicanálise, Sigmund Freud. Muniz também recriou muitos trabalhos do pintor francês Monet.

Na série Pictures of Magazines [Retratos de Revistas, 2003], expõe retratos de conhecidas personalidades brasileiras, como o jogador Pelé e o presidente Luis Inácio Lula da Silva mas também de um anônimo vendedor de flores. O artista realiza uma complexa operação de decomposição e recomposição da imagem fotográfica. Os retratos são obtidos pela reunião de pequenos fragmentos de páginas de periódicos que, sobrepostos em um trabalho preciso, fazem surgir os rostos dos personagens retratados.

Um livro chamado Reflex – A Vik Muniz Primer, foi lançado em 2005, contendo uma coleção de fotos de seus trabalhos expostos.

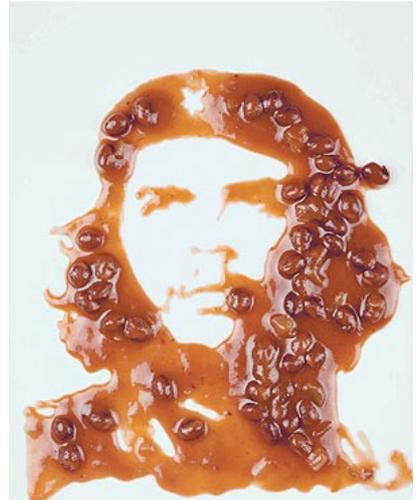
Uma de suas exposições mais comentadas foi a denominada Vik Muniz:Reflex, no University of South Florida Contemporary Art Museum, também exposta no Seattle Art Museum Contemporary e no Art Museum em Nova York.

Em 2010, foi produzido um documentário intitulado Lixo Extraordinário, sobre o trabalho de Vik Muniz com catadores de lixo de Duque de Caxias, cidade localizada na área metropolitana do Rio de Janeiro. A filmagem recebeu um prêmio no festival de Berlim na categoria Anistia Internacional e no Festival de Sundance.

O artista também se dedicou a fazer trabalhos de maior porte. Alguns deles foram a série Imagens das Nuvens, a partir da fumaça de um avião, e outras feitas na terra, a partir de lixo.

Muniz busca na fotografia a expressão para questões de representação da realidade, ligando-a ao desenho e à pintura, de forma não-convencional. Suas imagens suscitam no espectador a

sensação de estranheza, e o questionamento da fotografia como reprodução fiel da realidade. Também inova ao estabelecer uma relação original entre o artista, a obra de arte e o espectador, que deve refletir mas também se deixar levar pelos mecanismos da ilusão.



<http://www.mercadoarte.com.br/artigos/artistas/vik-muniz/vik-muniz-obras-biografia-exposicao-galeria/>